

Marinha negocia verba bilionária para concluir submarino nuclear

Defesa

Marinha negocia contrato bilionário para concluir submarino nuclear

Ao todo, já foram gastos R\$ 40 bi com embarcações convencionais e com a base naval, em Itaguaí; Força quer construir navios-patrolha, embarcações não tripuladas e canhão de laser



Brasil negocia com a França contrato da última fase do Programa de Desenvolvimento de Submarinos (Prosub); o submarino Riachuelo foi o primeiro entregue à Marinha

MARCELO GOODY

A Marinha está negociando os valores de um novo contrato para a terceira fase do Programa de Desenvolvimento de Submarinos, o Prosub, que deve definir quanto será pago até 2033 para o término do projeto da construção do primeiro submarino de propulsão nuclear do País. E quer vender submarinos convencionais do programa para seus vizinhos da América do Sul.

As duas primeiras fases do Prosub já consumiram R\$ 40 bilhões - valores atualizados. Desse total, R\$ 4 bilhões devem ser pagos pelo governo até a entrega, em 2025, do último dos quatro submarinos convencionais da classe Scorpene, produzidos em parceria com a França, em Itaguaí, no Rio. É ali que está sendo construída a base naval que vai abrigar as novas embarcações.

"A terceira fase do programa deve consumir outros bilhões", afirmou o almirante de esquadra Petrónio Augusto Siqueira de Aguiar, da Diretoria-Geral de Desenvolvimento Nuclear e Tecnológico da Marinha, cuja sede acaba de ser transferida do Rio para São Paulo, onde foi instalada na Cidade Universitária, no campus da Universidade de São Paulo (USP).

A vinda da diretoria para São Paulo faz parte de um plano da Marinha de ampliar as pesquisas em parceria com uni-

versidades no Estado - além da USP, a Unicamp e a Federal de São Carlos - e aproveitar a proximidade da Base Industrial da Defesa, principalmente na região do centro tecnológico do Vale do Paraíba.

REATOR ATÔMICO. O submarino será equipado com o primeiro reator atômico projetado e construído no Brasil. O equipamento está sendo montado no Centro Industrial Nuclear de Aramar, em Iperó, no interior paulista. Um prédio para abrigar o equipamento - o chamado Bloco 40 - está pronto, e o reator deve começar a funcionar em 2027.

Já o casco da embarcação será construído em Itaguaí, após a entrega do submarino convencional Angustura, em 2025, o último dos quatro de propulsão diesel-elétrica previstos no Prosub. "Neste 15.º ano do Prosub, temos o estaleiro para os submarinos convencionais 100% pronto e a base naval para o futuro submarino convencionalmente armado de propulsão nuclear em construção", disse o almirante.

De acordo com ele, de 75% a 80% das obras em Itaguaí foram concluídas. "Até o fim do ano, o prédio do comando da força submarina e o prédio do comando da base de submarino estarão prontos. São dois prédios fundamentais. E, agora, como estamos chegando ao fim da fase do submarino convencional - Humaitá está previsto para

2023, o Tonelero em 2024 e o Angustura em 2025 -, em dois anos passamos a ser fundamentais a negociação e o modelo de contrato para o submarino nuclear", afirmou o almirante.

As negociações devem envolver as empresas do Prosub: a Naval Group (França), a Novonor e a Indústria de Construções Navais, que estiveram presentes na construção dos submarinos convencionais e da base naval. "Não é só a construção do submarino nuclear. Há o desenvolvimento tecnoló-



"Estamos dispostos e vamos fazer um bom negócio para o submarino nuclear" Petrónio Siqueira de Aguiar, almirante da Diretoria de Desenvolvimento Nuclear e Tecnológico da Marinha

gicamente nesse projeto, como no caso da planta de produção nuclear. Essa é uma tecnologia que ninguém ensina. Trata-se do primeiro reator brasileiro, com o complexo de manutenção construído em Itaguaí, com diques apropriados e prédio para a troca de combustível propulsor, tudo licenciado pela CNEN (Comissão Nacional de Energia Nuclear)", disse Petrónio.

VENDAS. Para o almirante, após o submarino nuclear, o próximo desafio do Prosub será manter a estrutura construída em Itaguaí e sua mão de obra - operários e engenhei-

ros. O Ministério da Defesa e a Marinha tentam convencer o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que já visitou Itaguaí, e também procuraram apoio no Congresso - uma comissão de parlamentares estará em Itaguaí no próximo dia 10.

"Estamos dispostos e vamos fazer um bom negócio para o submarino nuclear. E existe a iniciativa para fazer submarinos para países de nosso entorno. A Marinha e o Naval Group têm interesse. E a prospecção está sendo feita. Rece-

bemos uma delegação da Argentina, que incluía o ministro da Defesa, e outra da Colômbia", afirmou o almirante. Além de vender para o exterior, a Marinha deseja aumentar sua frota de submarinos convencionais.

Outro caminho estudado pela Força Naval é o desenvolvimento do projeto dos novos navios-patrolha, com cerca de 500 toneladas. Ele deve incluir a fabricação de um radar nacional, feito em parceria com a USP. "Temos uma fábrica de submarinos e de navios em Itaguaí. O navio-patrolha é uma possibilidade, que está sendo vista pela Diretoria-Geral de Material da

Marinha e pela Engenprom. Esse navio seria brasileiro, com grande conteúdo local."

CANHÃO. Atualmente, o orçamento da diretoria é de R\$ 1,5 bilhão. É com os recursos que a Marinha está desenvolvendo ainda, em parceria com a USP, um canhão laser para suas embarcações e um veículo de superfície autônomo, espécie de uma embarcação remotamente pilotada, a exemplo das utilizadas pela Marinha da Ucrânia contra a frota russa do Mar Negro. "Começamos do nível mais baixo (veículo autônomo). Buscamos o fomento e tivemos apoio da UFF (Universidade Federal Fluminense). Agora estamos atrás do último peço do tripé: a empresa que comece o projeto com a gente."

Para o almirante, esse é o maior desafio da Marinha: fechar parcerias com indústrias desde o começo do desenvolvimento tecnológico. "No caso do Radar, a Embraer se interessou em nossa capacidade. Temos 65 projetos em desenvolvimento na Marinha." O veículo autônomo - tanto o de superfície quanto o submarino - é uma das cinco prioridades atuais da Diretoria-Geral de Desenvolvimento Nuclear e Tecnológico. A embarcação desenvolvida pela diretoria já navegou 10 milhas náuticas. O desafio agora é encontrar recursos - dentro e fora do orçamento - para garantir que pesquisas como essa se tornem realidade. ●

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Política Caderno: A Pagina: 7